

Quer seja a poesia a expressão do eu, quer seja o poeta um fingidor, a "revelação", que os versos de *O Pelicano* fazem de Adélia Prado, é de uma mulher que repensou a vida e reconstruiu o ser sem desprezar nenhuma das experiências passadas. Simbiose entre tradição e reavaliação, tal como o escriba que sabe tirar do seu tesouro coisas novas e velhas, para usar uma imagem escriturística, bem ao gosto da poetisa.

Seu passado mineiro, ingênuo, hospitaleiro, religioso, místico, supersticioso, moralista, repressivo, patriarcal, convive poeticamente, sem nenhum constrangimento, com as descobertas posteriores que sua "lucidez tão grande" (p. 28) lhe permitiu fazer: "'Envém a noite...'" (p. 16) 'Éh tempo bom...'" (p. 17) 'Santo Antônio, procurai...'" (p.24)''.

Que descobertas posteriores são essas? Que muito do seu ser foi plasmado na repressão e que é preciso dar um basta; que a religiosidade santeira e legalista de seus pais não resiste à crítica; que há um divórcio entre fé e vida; que hoje ninguém mais ouve o "lancinante grito" do Cordeiro degolado; que há desigualdades e injustiças; que o homem é um ser dividido entre os apelos da santidade e os do pecado; que o corpo é um instrumento e é preciso converter e batizar as almas; que o Deus de sua infância, poderoso e serviçal, absolutamente não é Deus.

Desde a juventude que Deus se tornou a sua grande procura; vislumbra-o dentro de si mesma e de toda a criação como o Amor puro e o impulso para amar. Para ela, a melhor imagem de Deus é a sponsal do Cântico dos Cânticos, retomada por algumas epístolas paulinas, acrescida do ingrediente erótico que sua experiência de mulher sabe ser vital no amor. Panteísta, enxerga esta compulsão incoercível ao encontro, à posse de doação, a tocar e a ser tocada, em si mesma e em toda a natureza ("A relva estremece, o amor para ela é aragem" — p. 14).

Talvez venha daí a escolha do título, como revivescência dos versos do poeta francês. O pelicano ama tanto os filhotes, que, na falta de alimento para dar-lhes, oferece-lhes as próprias entranhas. Sofrimento, amor e prazer erótico indissolúvelmente ligados.

O sexo é insinuado sem constrangimentos em todas as suas possibilidades e ultrapassa os limites convencionalmente erógenos, abarcando o homem por inteiro. Assim, a paixão total canalizada em Jonathan. Ela nem sabe direito o que fazer com ele — mas a simples contemplação atinge o ápice do erotismo ("e eu para todo o sempre/ olhando, olhando, olhando..." — p. 53).

O amor é vida, repele a morte, para a qual existem duas soluções: a alquimia do eterno retorno cósmico ("Abril renasce é do cosmos... É dentro e fora de mim" — p. 25) e o poder revitalizador da palavra ("Entendi que as palavras dispensavam as coisas sobre as quais versavam", garantindo o mundo "da corrosão do tempo" — p. 18).

Os vocativos são o princípio de toda poesia (p. 13), como na "arquê" todas as coisas foram chamadas à existência pela palavra criadora de Deus. "Sou Deus", confessa ela a certa altura.

Por seu poder criador, a palavra tem nas mãos de Adélia um tratamento litúrgico. Serve para exorcizar o tempo, pois, quando menos se

espera, saca da memória as vivências mais antigas; faz os mortos conviverem com os vivos ("O pai está vivo e tosse" — p. 26), ressuscita a juventude ("Assim que escurecer vou namorar" — p. 26), descobre embaixo deste planeta "convulso" um "mundo ordenado e bom" (p. 26)

Muita coisa de sua tessitura poética vem dessa fascinação pela palavra ("Vale de lágrimas! Que palavra estupenda!" — p. 56), que a impele a esquecer momentaneamente o assunto em pauta, deixando-se levar pelo fluir poético das imagens ("Vale de lágrimas! Os olhos da humanidade se exaurindo,/ enchendo gargantas..." — p. 56).

Uma visão sinótica de seu discurso revela ecletismo e incoerências. É o caso, por exemplo, do dualismo alma/corpo, resquício da filosofia helênica, que Adélia associa ao rito de purificação cristã (numa quase heresia "sui-generis", em que não é o corpo a sede do pecado, mas a alma que o instrumentaliza). Nem no Judaísmo nem no Cristianismo há esta dicotomia. Por outro lado, a lucidez enorme que ela julga deter requer certa dose de racionalização — praticamente ausente de seus versos sensitivos. Para o "hechizo poético", melhor assim, porém. Em seu alogicismo consegue, sem dúvida, a empatia do leitor, envolvendo-o em seu frêmito de vida: "Ser feliz me consome."

Marleine Paula.